



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA  
CAMPUS SÃO BERNARDO  
CURSO DE LINGUAGENS E CÓDIGOS – LINGUA PORTUGUESA

**DANIELE SILVA COSTA**

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO CONTEÚDO DE ENSINO NO PROCESSO DE  
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA EM LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO  
MÉDIO**

SÃO BERNARDO – MA

2019

**DANIELE SILVA COSTA**

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO CONTEÚDO DE ENSINO NO PROCESSO DE  
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA EM LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO  
MÉDIO**

Trabalho de conclusão de curso (monografia) apresentado a Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para obtenção do título de graduada na Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kátia Cilene Ferreira França

SÃO BERNARDO

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo (a)  
autor (a). Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Costa, Daniele Silva.

A Variação Linguística Como Conteúdo de Ensino No  
Processo De Aprendizagem De Língua Portuguesa Em Livro  
Didático Do Ensino Médio / Daniele Silva Costa. - 2019.  
46 f.

Orientador (a): Kátia Cilene Ferreira França.  
Curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa,  
Universidade Federal do Maranhão, SÃO BERNARDO, 2019.

1. Linguagem Gramática e Ensino. 2. Livro didático:  
Instrumento de ensino e de aprendizagem sobre a língua  
Portuguesa. 3. Reflexão sobre educação linguística e  
Variação linguística. I. Ferreira França, Kátia Cilene.  
II. Título.

**DANIELE SILVA COSTA**

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO CONTEÚDO DE ENSINO NO PROCESSO DE  
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA EM LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO  
MÉDIO**

Trabalho de conclusão de curso (monografia) apresentado a Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para obtenção do título de graduada na Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Kátia Cilene Ferreira França

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Katia Cilene F. França (orientadora)**  
Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo

---

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Rachel Tavares de Moraes**  
Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo

---

**Prof. Dra. Maria Francisca da Silva**  
Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pelas bênçãos concedidas, sei que sem Ele não teria chegado até aqui, pois Ele é quem nos concede a vida e forças para continuarmos lutando por nossos objetivos. Graças a Ele, concluí mais uma etapa na minha vida.

Agradeço a toda minha família, em especial a minha mãe por acreditar em mim, sempre me incentivou a continuar lutando por meus objetivos, aconselhando-me a não desistir.

Quero agradecer também a uma pessoa que é muito especial para mim, minha tia Francisca Maria, que me deu apoio durante toda a trajetória do curso, me acolheu em sua casa quando precisei; agradeço pelos conselhos e apoio.

Agradeço a todos os amigos pelas palavras de incentivo, aos que ajudaram de forma direta ou indireta.

Agradeço a Universidade Federal do Maranhão-UFMA, por me proporcionar a oportunidade de estar formando e agradeço aos professores do curso que estiveram conosco durante quatro anos, os quais foram importantes na minha vida acadêmica.

Por fim, quero agradecer a minha orientadora, Katia França, pela paciência, pelo carinho, dedicação, e por dar o seu melhor durante a produção deste trabalho com suas orientações. Agradeço pelo incentivo, por confiar em mim. Ótima orientadora, estava sempre disposta a ajudar quando precisava; sem suas orientações teria sido muito difícil concluir este trabalho.

*Mas os que esperam no SENHOR renovam as suas forças, voam com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam.*

*Isaias 40:31*

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar como o conteúdo de ensino variação linguística é tratado em livros didáticos do Ensino Médio, adotados em escolas públicas de São Bernardo-Maranhão. Partimos da ideia de que a variação linguística se estabelece em decorrência das diversidades de fatores socioculturais de uma dada comunidade linguística, logo é importante refletirmos sobre tal, pois essas variantes estão presentes na vida diária de cada indivíduo, conseqüentemente, chegam à escola. A ausência dessa discussão crítica no processo de ensino-aprendizagem da língua promove a falsa ideia de que a língua é homogênea. O instrumento escolhido para a análise é o LD **Novas Palavras** que integra a coleção do Ensino Médio elaborada por Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio, uma coleção que foi aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2016. Para tanto foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico em que se assentam as discussões realizadas neste trabalho. O referencial utilizado durante a pesquisa tem como base estudos de Bortoni-Ricardo (2004) sobre a sociolinguística em sala de aula, Bagno (1999) sobre preconceito linguístico; Travaglia (2009) sobre o ensino de gramática, Irandé Atunes (2007) sobre o ensino de língua e Assis e Luquetti sobre o LD. Através da análise no LD, nos capítulos referentes à variação linguística e com base nos objetivos específicos, observou-se a preocupação dos autores em explorar as variações linguísticas, trazendo abordagens significativas, mostrando que o livro didático não deve voltar-se apenas para a gramática normativa.

**Palavras-chave:** Ensino Médio, Variação Linguística, Livro Didático

## ABSTRACT

The present work aims to analyze how the content of teaching language variation is treated in textbooks of the High School, adopted in public schools of São Bernardo-Maranhão. It seeks to verify if the book interacts with students and teachers and in this sense assists in school education with more quality and less linguistic prejudice. We start from the idea that linguistic variation is established as a result of the diversity of sociocultural factors of a given linguistic community, so it is important to reflect on this, since these variants are present in the daily life of each individual, consequently, they arrive at school. The absence of this critical discussion in the teaching-learning process of the language promotes the false idea that language is homogeneous. The instrument chosen for the analysis integrates the collection of High School elaborated by Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite and Severino Antônio, a collection that was approved by the National Program of the Didactic Book PNLD. For this, a bibliographic research was carried out in which the discussions carried out in this work are based. The reference used during the research is based on studies by Bortoni-Ricardo (2004) on sociolinguistics in the classroom, Bagno (1999) on linguistic prejudice; Travaglia (2009) on grammar teaching, Irandé Atunes (2007) on language teaching. Assis and Luquetti on the LD. Through the analysis in the LD, in the chapters referring to linguistic variation and based on the specific objectives, we observed the authors' concern to explore the linguistic, bringing meaningful approaches, showing that the textbook should not turn only to normative grammar.

**Key-words:** High school, Linguistic Variation, Textbook



## LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1- Ilustração do livro o qual foi analisado .....	30
IMAGEM 2 - Tipos de variação linguística.....	33
IMAGEM 3 – Exemplo de variação sociocultural e situacional.....	33
IMAGEM 4 – Exemplo de variação geográfica.....	34
IMAGEM 5 – Exemplo de variação regional.....	35
IMAGEM 6 - Versão atualizada de um trecho do texto da imagem <b>5</b> .....	35
IMAGEM 7 – Texto publicado a mais de cem trantando de um assunto atual.....	36
IMAGEM 8 – Texto dos dias atuais.....	36
IMAGEM 9 – Exemplo de variedade não padrão.....	38
IMAGEM 10 – Tipos de variedade: urbana e rural.....	40

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>LINGUAGEM, GRAMÁTICA E ENSINO.....</b>	<b>13</b>
2.1	<b>Concepção de Gramática .....</b>	<b>13</b>
2.2	<b>Concepções de ensino .....</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA E VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA.....</b>	<b>18</b>
3.1	<b>O PROFESSOR E A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA .....</b>	<b>18</b>
3.2	<b>Contribuições da sociolinguística para o ensino.....</b>	<b>22</b>
<b>4</b>	<b>LIVRO DIDÁTICO: instrumento de ensino e de aprendizagem sobre a língua portuguesa .....</b>	<b>24</b>
4.1	<b>Variação linguística no livro didático .....</b>	<b>24</b>
4.2	<b>O livro didático e a atuação docente.....</b>	<b>26</b>
<b>5</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>30</b>
<b>6</b>	<b>UMA LEITURA ANALÍTICA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO NOVAS PALAVRAS.....</b>	<b>32</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>43</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

É notório que na língua portuguesa existem diferentes variedades linguísticas. De fato, há múltiplas formas de uso da língua, isto por que o povo brasileiro é constituído por grupos sociais distintos, e se existem grupos sociais diferentes logicamente deve haver padrões de uso da língua diferentes.

As variações podem ocorrer de região para a região, por exemplo, a variação regional, em que cada um tem sua maneira diferenciada no modo de falar, de se comunicar. Isso ocorre a partir de influências pela qual a língua sofreu durante sua formação e também por se estabelecerem a partir de posições políticas, econômicas e culturais, assim, pode então haver dialetos em diferentes dimensões, como social, idade, sexo, geração. Essas dimensões envolvem a variação histórica, fatores como, nível de escolaridade, diferença entre classe econômica, pessoas de idade diferentes com faixa etárias diversas: crianças, jovens, velhos, os quais apresentam determinadas variações linguísticas.

Considerando, pois, a existência dessas variações linguísticas e pensando no ensino de língua portuguesa no Brasil visando a temática “*variações linguísticas*” é, portanto, necessário refletir como se estabelece o processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, e conseqüentemente, discutir sobre como essas variações são tratadas em um dos instrumentos mais utilizados na escola pelos professores e alunos, o livro didático.

Contudo a partir das considerações até aqui realizadas, busca-se neste trabalho propor uma reflexão através de análise no livro didático, observar se o livro didático traz questões relacionadas à variação linguística, se esta temática como conteúdo de ensino é contemplada no livro de forma que auxilia na formação escolar com mais qualidade e conseqüentemente, verificar se as abordagens sobre a temática destacam a importância de combater o preconceito linguístico.

É importante refletir sobre esses fatores, visto que, o livro didático é um dos instrumentos bastante utilizados em sala de aula, serve como apoio pedagógico para os educadores e de fato, é relevante para a realização de seu trabalho em sala de aula. Nesta perspectiva, torna-se indispensável discorrer alguns pontos importantes sobre esse recurso que predomina no meio educacional, pois como se sabe, o livro desde muito tempo é considerado por muitos um guia importantíssimo

para o educador e para os alunos e, muitos seguem à risca os conteúdos e métodos estabelecidos nos livros. Essas reflexões somadas à experiências obtidas durante o estágio levou-me a conclusão da importância de trazer essa temática como foco de discussão e reflexão.

Nesse sentido, definimos como objetivo geral analisar como o conteúdo de ensino *variação linguística* é tratado em livros didáticos do Ensino Médio, adotados em escolas públicas de São Bernardo-Maranhão. Como objetivos específicos temos: I) verificar se o livro didático trata das variações linguística; II) observar se o livro traz abordagens sobre o fenômeno das mudanças linguística; III) observar se o LD traz abordagens sobre a fala, dando ênfase a norma padrão e a não padrão; IV) verificar se o LD trata das variedades urbanas e rurais.

O objeto escolhido para a análise é o livro do professor, ***Novas Palavras*** do 1º ano do Ensino Médio volume 1, 3. Ed – São Paulo 2016, dos autores: Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio. É um livro que faz parte do (PNLD) Plano Nacional do Livro Didático. Porém, nos importa precisamente analisar os capítulos que trazem abordagens sobre as variações linguísticas os quais são denominados: **Gramática, gramáticas e Noções de variações linguísticas.**

Para mostrar o percurso percorrido para alcançar nosso objetivo, organizamos o trabalho em capítulos.

No primeiro capítulo deste texto a abordagem em destaque dá ênfase ao ensino de gramática, pontuando questões como: o conceito de gramática e suas abordagens de ensino é bastante significativo discutir sobre o ensino de gramática, pois muitos dão prioridade a uma única, que é a gramática normativa, é relevante refletirmos sobre as concepções de gramática, e também trazer como foco de discussão o ensino de língua materna.

O segundo capítulo traz reflexões acerca da educação linguística, enfatizando questões referentes à sociolinguística e sua contribuição para o ensino de língua portuguesa, buscando descrever o dilema entre norma padrão e não padrão, além de pontuar o quanto é considerável ensinar as variações linguística na escola. Outro ponto refere-se ao papel do professor diante do ensino da variação linguística, o professor como mediador do conhecimento deve conscientizar-se da importância de trabalhar essa temática em sala de aula.

O terceiro capítulo discorre sobre o livro didático como recurso pedagógico, como também busca descrever e refletir sobre o conteúdo variação linguística no LD de língua portuguesa e destacar a relação entre professor e o livro didático, pois o professor tem um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, e o livro é um instrumento bastante utilizado pelo professor.

Logo após os capítulos referidos é descrito os procedimentos metodológicos. Em seguida, dedicamos um capítulo para a análise da variação linguística como conteúdo de ensino. O objeto de análise é o livro didático **Novas Palavras** 2016 do 1º ano do Ensino Médio volume 1, ressaltando que será analisado apenas dois capítulos referentes a variação linguística. Fechamos o trabalho com as considerações finais.

## 2 LINGUAGEM, GRAMÁTICA E ENSINO

Ao adentrar a escola o aluno se depara com o ensino de língua, que tem como foco principal o ensino de gramática normativa ou tradicional, e essa prática de ensino voltada para a gramática como bem sabemos, vai das séries iniciais até o ensino médio, o que vai mudando é o grau de complexidade do conteúdo, porém, a gramática é a mesma, e tudo gira em torno da norma culta, e norma padrão, que é reconhecida como a gramática de prestígio. Um aluno que mora no interior, por exemplo, que convive com uma família não alfabetizada, ao se deparar com o ensino da gramática normativa, pode sentir-se um pouco constrangido, principalmente no momento de participar oralmente da aula, porque é o momento em que o aluno faz uso do vocabulário o qual aprendeu no convívio com seu grupo familiar, por exemplo.

Bagno (1999, p. 16), traz uma abordagem acerca da valorização das variações linguísticas, e ainda da importância dessas variações serem estabelecidas como objeto de estudo e ensino:

*A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar uma variedade linguística equivale a denegrir e a condenar os seres humanos que a falam[...] é preciso mostrar, em sala de aula e fora dela que a língua varia tanto quanto a sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece.[...].*

As considerações acima indicam o objetivo deste capítulo que consiste em estabelecer a relação entre linguagem, ensino de língua materna e ensino de gramática, como pode ser visto nos pontos que seguem.

### 2.1 Concepção de Gramática

*No caso da língua, é bastante claro que o que se diz sobre ela no senso comum é, de fato, muito pouco. Mas – temos de reconhecer – é também muito pouco o que temos realizado em termos de estudo e da compreensão dessas articulações discursiva do senso comum. Continua pouco claro, por exemplo, o porquê de tais enunciados nunca perderem sua vitalidade (estão sempre aí, incólumes e disponíveis para o eterno retorno). Do mesmo*

*modo, permanece obscuros os processos que, a cada vez, motivam o reemergir daqueles raros enunciados. Há portanto, muito ainda a se fazer no destringimento dos dizeres sociais sobre a língua. (FARACO, Apud Antunes, 2007, p. 11).*

Já faz bastante tempo que estudiosos, pesquisadores, linguísticas e professores vêm debatendo questões concernentes ao ensino de língua portuguesa, principalmente direcionados ao ensino de gramática. O que ensinar, como ensinar, em que consiste o trabalho do professor diante do ensino de gramática? Essas e muitas outras questões são focos de discussões que norteiam trabalhos importantes de pesquisas. Um dos principais objetivos é trazer reflexões a respeito do ensino de gramática a partir de vários estudos, os quais pontuam importantes questões, que vale ser apresentadas, como: o que é gramática e qual sua real finalidade? Ainda, trazem reflexões sobre, até que ponto língua e gramática estão relacionadas! É o que veremos a seguir com base em estudos de alguns teóricos como, Travaglia (2009), Antunes (2007) e outros.

No que se refere ao conceito de gramática, Travaglia (2009), em seu livro, intitulado *Gramática e Interação* salienta que há pelo menos três concepções no que difere a gramática e que há três sentidos para expressões como: o que se entende por *gramática*, o que corresponde a *saber gramática* e ainda o que é ser *gramatical*. Segundo o autor, a *gramática* é concebida como manual com regras de bom uso da língua a serem seguidas por aqueles que querem se expressar adequadamente.

Com base em Carlos Franchi, que escreve um trabalho sobre gramática e criatividade, Travaglia (2009) explora o conceito de gramática normativa e a concepção de ensino normativo, prescritivo da língua:

*Para essa concepção, que normalmente é rotulada de gramática normativa, gramática é o conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso da língua consagrado pelos bons escritores” e dizer que alguém “sabe gramática” significa dizer que esse alguém “conhece essas normas e as domina tanto nocionalmente quanto operacionalmente” (grifos do autor). Dessa forma, gramatical aqui será aquilo que obedece, que segue as normas de bom uso da língua configurando o falar e o escrever bem. (TRAVAGLIA 2009, p. 24)*

Para essa primeira concepção de linguagem, conforme os autores relatam, a gramática normativa se dá por estabelecer regras, designar normas, levando em consideração exclusivamente apenas aspectos relacionados à norma padrão. Por possuir tais características, compreende-se que ela exclui as outras

formas de uso da língua fora do que é tratado como padrão. A gramática normativa se impõe às demais variedades da língua, reconhece a língua somente como variedade dita padrão ou culta, o que representa classificar as variações como desvios ou como erradas. Tudo que foge ao padrão é errado, agramatical (TRAVAGLIA, 2009). Essa concepção promove discriminação e preconceito.

As normas de bom uso da língua são baseadas no uso consagrado pelos considerados bons escritores, cujas obras circulam como modelo do “bom uso da língua”, em que não há valorização das variedades que fazem parte da identidade do povo brasileiro e sua cultura.

A segunda concepção de gramática é classificada como Gramática Descritiva. Para essa concepção a principal finalidade é descrever a língua, a qual abrange todas as variedades linguísticas, e não mantém o foco apenas na norma culta, outro ponto relevante, é que, essa concepção faz uma descrição da estrutura, da forma e da função da língua. Travaglia (2009) menciona que a gramática seria então “um conjunto de regras que os cientistas encontram nos dados que analisa, à luz de determinada teoria e método”. Essas regras seriam as utilizadas pelos falantes na construção real de enunciados. Descrever envolve competência e o desempenho dos falantes.

A terceira concepção de gramática como forma de interação que leva em conta a relação entre os usuários da língua, aspectos linguísticos e extralinguísticos, não defende a ideia de erro linguístico, mas, inadequação da variedade linguística que é utilizada em uma determinada situação de comunicação. Esta concepção está direcionada ao uso das variedades a qual o falante desenvolve no grupo social que está inserido, principalmente em seu grupo familiar. Segundo Franchi (1991)

Gramática corresponde ao saber linguístico que o falante de uma língua desenvolve dentro de certos limites impostos pela sua própria genética humana, em condições apropriadas de natureza social e antropológica”. Nesse caso, “saber gramática não depende, pois em princípio de escolarização, ou de quaisquer processos de aprendizado sistemático, mas da ativação e amadurecimento progressivo (ou da construção progressiva na própria, atividade linguística de hipótese sobre o que seja a linguagem e de seus princípios e regras. (*apud* TRAVAGLIA 2009, p.28).

Em suma, essa concepção de gramática é a gramática da língua que o indivíduo aprende na sua experiência de vida diária, a qual vai sendo internalizado a partir do ouvir e do falar. A escola é responsável apenas pela ampliação de usos e



habilidades da língua a qual o indivíduo utiliza, no entanto, essa gramática é incorporada no falante primeiramente a partir do conhecimento intuitivo, e pelo sujeito falante envolvido em grupo social em interação com os outros.

## 2.2 Concepções de ensino

As concepções de gramáticas associam-se a abordagens de ensino da língua identificadas por Travaglia (2009) como **prescritivo**, **descritivo** e o **produtivo**.

O objetivo do ensino do tipo **prescritivo** é orientar o aluno sobre a existência de que apenas a norma padrão está correta, logo o aluno que não segue essa norma deve substituir os modos do quais ele se utiliza, considerados errados e inaceitáveis, para assim aderir ao padrão considerado correto e único aceito na sociedade. Esse tipo de ensino interfere nas formas de uso da língua própria do indivíduo. O objetivo, portanto, é levar o aluno a excluir suas habilidades linguísticas, levando em consideração apenas os padrões considerados corretos. Travaglia (2009, p.38) relata que:

Esse tipo de ensino está diretamente ligado à primeira concepção de linguagem e gramática normativa e só privilegia em sala de aula, o trabalho com a variedade escrita culta, tendo como um de seus objetivos básicos a correção formal da linguagem.

Esse ensino é estabelecido por regras a serem seguidas, sem desviar o foco para nenhuma outra de forma de uso da língua que não seja a língua dita “certa”, a forma padrão, a língua de prestígio como também é conhecida.

Outro tipo de concepção de ensino é a **descritiva**, que tem como objetivo mostrar como funciona determinada língua; a fala é o material que serve como base para esse modo de ensino, o objetivo é mostrar não só o funcionamento, mas também a forma como são utilizadas, isso sem alterá-las. Segundo Travaglia (2009, p.39)

Nesse tipo de ensino, a língua materna tem papel relevante por ser a que o aluno mais conhece. Trata de todas as variedades linguísticas. Sua validade tem sido justificada afirmando-se que o falante precisa saber algo da instituição linguística de que se utiliza, do mesmo modo que precisa saber de outras instituições sócias, para melhor atuar em sociedade.

A terceira concepção é a de ensino **produtivo** que busca ampliar a competência linguística da própria língua natural do aluno ensinando novas habilidades, sem alterar, apenas aumentar os recursos que o estudante já possui. O objetivo desse tipo de ensino é desenvolver a competência comunicativa e a partir desse trará ao aluno novas habilidades de uso da língua, fazendo com que o aluno através desses novos recursos, venham interagir, expressar-se de maneira adequada de acordo com a situação de comunicação no meio o qual vai estar inserido. Para Travaglia (2009, p.40):

Esse tipo de abordagem de ensino é sem dúvida à consecução de um dos objetivos de ensino de língua que é desenvolver a competência comunicativa, já que tal desenvolvimento implica a aquisição novas habilidades de uso da língua e o ensino produtivo visa especificamente ao desenvolvimento de novas habilidades. [...] estariam incluídas aqui o desenvolvimento do domínio da norma culta e o da variante escrita da língua.

Sobre a relação linguagem, gramática e ensino, Antunes (2007, p.33) destaca que não se pode pensar que exista um modo neutro, inocente e apolítico de ensinar gramática. Optar por uma concepção é sempre optar por determinada visão de língua. As gramáticas também (é bom lembrar) são produtos intelectuais, são livros escritos por seres humanos, sujeitos, portanto, a falhas, imprecisões, esquecimento, além é claro, de vinculados a crenças e ideologias. Por isso, “não faz sentido reverenciar a gramática como se nelas estivesse alguma espécie de verdade absoluta e eterna sobre a língua – são produtos humanos, como outros quaisquer”.

A concepção de gramática como forma de interação e de ensino produtivo leva em conta aspectos sociais e culturais em que o falante está imerso, leva em conta a heterogeneidade da língua e como tal um ensino em que a variação é tratada como diferença e não como desigualdade. No capítulo seguinte, exploramos a questão da variação linguística.

### 3 REFELEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA E VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

Percebe-se que a educação linguística está ainda distante de alcançar o que realmente se espera sobre uma educação linguística que atenda às necessidades de todos, no sentido de que, respeite as diferenças encontradas nas escolas. Aprender a norma culta é um direito de quem chega à escola, não há como duvidar de que sua aprendizagem seja essencial para a vida social de cada sujeito, porém, os demais usos, as variações da língua, devem ser valorizadas e respeitadas.

Vale ressaltar que, de fato, na escola é importante que cada indivíduo aprenda a gramática normativa, porém, quando o professor não é preparado para lidar com determinadas situações, para trabalhar com a variação, a concepção prescritiva conduz o ensino e acaba promovendo um olhar preconceituoso em relação aos dialetos dos alunos, a qual acaba sendo vista como “erro”.

Este capítulo tem o objetivo de desenvolver reflexões sobre a educação linguística e a atuação do professor de língua portuguesa no trabalho com a variação da língua.

#### 3.1 O PROFESSOR E A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA

A falta de formação para lidar com a variação gera o dilema entre a norma “cultura” de prestígio e a linguagem popular. É preciso que o professor se pergunte e ensine o aluno a fazer perguntas como: Será mesmo que quem não fala de acordo com a norma culta está errado? O certo é a norma culta e acabou? Essas questões ajudam a entender como surge o preconceito linguístico, sobre o qual Bagno (1999) faz uma abordagem significativa ao dizer sobre a importância de aprender a norma culta, como um meio de adentrar a outros grupos sociais, como uma forma de socialização, de poder se comunicar com outras pessoas. Enfatiza que essa variedade linguística pode ser importante, porém não deve ser considerada como única “certa”. O autor esclarece que:

todos os aprendizes devem ter acesso às *variedades linguísticas urbanas de prestígio*, não por que sejam as únicas formas “certas” de falar e de escrever, mas por que constituem, junto com outros bens sociais, um *direito*

do cidadão, de modo que ele possa se inserir plenamente na vida urbana contemporânea, ter acesso aos bens culturais mais valorizados e dispor dos mesmos recursos de expressão verbal (oral e escrita) dos membros das elites socioculturais e socioeconômica:[...]. (BAGNO 1999, p.13-14).

Um ponto de questionamento em relação ao ensino de língua portuguesa é a questão da gramática normativa. Segundo Bagno (1999, p.20) “a língua é um enorme *iceberg* flutuando no mar do tempo, e a gramática é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada *norma-padrão*”. Percebe-se que o autor faz uma crítica ao ensino da gramática normativa, uma vez que esse ensino se estabelece em torno da norma-padrão e descarta as outras formas de linguagem, o que para o autor é um equívoco, já que a linguagem vai além, é muito mais, e não deve se basear apenas na norma-padrão. Ele destaca que há outras inúmeras formas de uso da língua e desconsiderar essa realidade heterogênea acaba gerando o *preconceito linguístico*, pois apenas uma variedade em meio a tantas outras é a única valorizada.

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada”, feia, estropiada, rudimentar, deficiente, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”. (BAGNO, 1999, p.40).

É importante destacar que o professor, como mediador do conhecimento, tem um papel essencial no processo de ensino-aprendizagem do aluno, pois como mediador o professor de língua portuguesa tem como dever estar pronto para atuar de modo produtivo em determinadas situações que lhes são impostas na sala de aula. Uma dessas situações é conhecer os seus alunos para que através desse conhecimento o mesmo venha saber como se posicionar e não reproduzir o preconceito.

Bagno (1999), em seu livro “preconceito linguístico: *como é como se faz*”, vem esclarecer que certas atitudes dos professores de língua portuguesa são inaceitáveis, pois, a maneira como corrige seus alunos não ajudará na competência linguística do mesmo, já que o professor está valorizando apenas uma variedade que é a norma padrão. Ele cita que “a atitude tradicional do professor de português, ao receber um texto, produzido por um aluno, é procurar imediatamente os “erros” direcionar toda a sua atenção para localização e erradicação do que está incorreto”. (BAGNO, 1999, p. 156).

O referido autor enfatiza que o professor se preocupa apenas com a escrita do aluno, sem dar importância para o conteúdo e para a fala, critica essa obsessão referente a ortografia, que ele vem chamar de *paranoia ortográfica*. Ele explica que uma grande porcentagem do que chamamos de “erros” parte das meras incorreções ortográficas, enfatiza ainda que, a ortografia não tem nada a ver com saber a língua.

Até aqui foi relatado aspectos relacionados à educação linguística, questionamentos entre duas variedades de língua, buscando compreender como essas variedades são estabelecidas e reconhecidas no campo educacional.

Percebe-se, que de certa forma nas escolas as maneiras tradicionais e normativas de ensino ainda estão muito presentes. Nesse ensino, no qual prevalece a norma culta, a gramática normativa mostra o que destaca Bagno (1999, p. 29-30)

Como a educação de qualidade ainda é privilégio de muita pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio das formas prestigiadas de uso da língua. Assim, tal como existe milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros “sem língua”. A final, se formos acreditar no mito da língua única (identificada com a norma-padrão tradicional), existem milhões de pessoas neste país que não tem acesso a essa “língua”, que é a empregada pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder \_ são os sem “língua”

O português brasileiro apresenta muitas formas de variantes, por isso é importante refletir sobre um ensino sociolinguístico. Aprender as demais variedades da língua, além da norma culta, é um direito de cada falante. É certo que, esse ensino lhe ajudará de certa forma a melhorar a sua competência linguística. É relevante enfatizar o quanto a escola tem um papel essencial, pois ela que tem o dever de promover esse ensino aos alunos.

É preciso refletir sobre o ensino de língua e entender que é importante trabalhar a sociolinguística em sala de aula, envolver o ensino com aspectos relacionados às variações linguísticas, mostrando para o aluno o quanto o português brasileiro é caracterizado por muitas variantes. Aqui entra então a questão da preparação do professor, um educador que saiba se posicionar diante das variedades da língua.

Bortoni Ricardo (2004, p.36-38) enfatiza que “é no momento que o aluno usa flagrantemente uma regra não-padrão e o professor intervém, fornecendo a

variante padrão, que as duas variedades se justapõem em sala de aula”. A autora destaca que é a partir desse ato de corrigir o aluno que surgem então essas duas variedades, por isso é importante que o educador de língua portuguesa esteja preparado para conscientizar os educandos sobre essa diferença. Relata ainda alguns aspectos essenciais observados através de uma pesquisa em sala de aula, na qual foram identificados alguns padrões principais na conduta do professor perante a realização de uma regra linguística não-padrão pelos alunos, os padrões identificados foram:

- O professor identifica “erros de leitura”, isto é, erro na decodificação do material que está sendo lido, mas não faz distinção entre diferenças dialetais e erros de decodificação na leitura, tratando-os todos da mesma forma;
- O professor não percebe o uso de regras não padrão. Isto se dá por duas razões: ou o professor não está atento ou o professor não identifica naquela regra uma transgressão por que ele próprio a tem em seu repertório. A regra é pois, “invisível” para ele.
- O professor percebe o uso de regras não-padrão e prefere não intervir para não constranger o aluno;
- O professor percebe o uso de regras não-padrão, não intervém, e apresenta, logo em seguida o modelo da variante-padrão. (BORTONI RICARDO 2004, p.36-38)

Diante desta pesquisa realizada pela referida autora, percebe-se que podem ocorrer diferentes formas de atitudes por parte dos professores, alguns preferem não intervir, outros, talvez por não conhecerem, também não intervêm. É interessante que essa pesquisa esclarece que muitos professores se sentem inseguros diante das variações linguísticas. É exatamente isso que pode ocorrer na sala de aula se o professor não estiver preparado para auxiliar seus alunos em dadas situações.

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para educação e a cultura abandonem esse mito da “*unidade*” do português brasileiro e passem a reconhecer a “*verdadeira diversidade linguística de nosso país*” para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades sem prestígio social. (BAGNO 1999, p. 32).

O papel da escola é levar o indivíduo a conhecer e ter o domínio daquilo que ele não sabe, no caso específico da língua, conhecer e dominar antes de mais nada a *leitura e a escrita* e, junto com elas outras formas de falar e de escrever, outras variedades de língua, outros registros.

### 3.2 Contribuições da sociolinguística para o ensino

As variedades da língua são características de grupos sociais, das formas diferenciadas na maneira de se expressar. A sociolinguística identifica, estuda, busca compreender a variação e a mudança das línguas, assim como preocupar-se, de alguma forma, a ajudar as pessoas das classes menos favorecidas a ter acesso a cultura letrada, ter acesso aos mesmo direitos que os da classe mais privilegiadas.

A sociolinguística chega à escola oficialmente a partir de documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais, que orientam sobre o trabalho com a língua na sala de aula, de promover um ensino em que os alunos possam, como destaca Bortoni-Ricardo (2004, p.9), apoderar-se:

das regras linguísticas que gozam de prestígio, a enriquecer o seu repertório linguístico, de modo a permitir a eles o acesso pleno à maior gama possível de recursos para que possam adquirir uma competência cada vez mais ampla e diversificada – sem que nada disso implique a desvalorização de sua própria variedade linguística, adquirida nas relações sociais dentro de sua comunidade.

A sociolinguística pode contribuir para o ensino, pois “é um instrumento de luta contra toda forma de discriminação ou exclusão social pela linguagem” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.10). Os pesquisadores da área da linguística buscam investigar os fenômenos linguísticos, um dos objetivos é exatamente mostrar que são muitas as variantes da língua portuguesa, e que essas variantes não devem ser excluídas, pois fazem parte da nossa realidade.

Em se tratando, pois, de um país extenso como o Brasil, onde são muitas as variantes de local e grupo social é necessária uma reflexão sobre os que sofrem com discriminação e são por vezes excluídos de alguns contextos sociais. Geralmente, são os das classes menos favorecidas, os que vivem na zona rural, ou em favelas. Por falta de acesso à cultura letrada, esses grupos sociais acabam não tendo conhecimento sobre outros tipos de linguagem e também tendo dificuldade para desenvolverem a sua competência linguística. É essencial o acesso a tarefa da educação para o desenvolvimento da competência linguística de cada falante. Como aborda a autora Bortoni-Ricardo (2004, p.78)

A tarefa educativa da escola, em relação à língua materna, é justamente criar condições para que o educando desenvolva sua competência comunicativa e possa usar, com segurança os recursos comunicativos que

forem necessários para desempenhar-se bem nos contextos sociais em que interagem.

É importante enfatizar que as pessoas das classes desfavorecidas têm direito sim à cultura letrada, a conhecimentos de outros tipos de linguagem, mas também é necessário a valorização de sua variedade linguística, adquirida no convívio com sua família, na sua comunidade, a mesma não deve ser desvalorizada. No processo de compreensão sobre a variação e sobre o ensino de língua, um recurso que tem papel de destaque é o livro didático utilizado pelo professor na sala de aula.



## 4 LIVRO DIDÁTICO: instrumento de ensino e de aprendizagem sobre a língua portuguesa

Neste capítulo será apresentada uma reflexão sobre o livro didático, dada a importância que esse instrumento de ensino assume no processo de ensino aprendizagem da língua como heterogeneidade de falares.

### 4.1 Variação linguística no livro didático

O ensino de língua portuguesa e variação linguística são temáticas que estão sem dúvidas relacionadas uma a outra, temas centrais tem sido colocado em pauta para discussões por muitos estudiosos da língua nesses últimos anos.

Estudos e pesquisas têm cooperado para que essa temática “*variação linguística*” esteja cada vez presente no livro didático, com abordagens mais ampla e significativa. Porém, muitos professores não exploram os estudos sobre variações linguísticas, por mais que façam parte dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, não só os professores, mas também a escola de um modo geral.

Por muito tempo, a discussão sobre variação ficava longe do conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, o livro didático se limitava a dizer que a língua se dividia em duas formas de falar e escrever: a culta e a popular. A primeira considerada ideal, a segunda vista como menor. Uma classificação inadequada quando se pensa na realidade plural e desigual do Brasil.

Ao adotar essa abordagem o livro dá direcionamento sobre o conteúdo de maneira que não condiz com a realidade dos alunos, sua finalidade centra-se no ensino da gramática normativa e não na diversidade. Bortoni-Ricardo (2005), destaca que:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos, têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósito comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade” (BORTONI-RICARDO, 2005, P. 15 apud IBIAPINA, 2012, P.5)

É essencial ter essa temática abordada nos livros didáticos, visto que, é direito do aluno conhecer sobre as variedades linguísticas do seu país, os diferentes

dialetos, as diferentes formas de se expressar. Não tão obstante, é sem dúvida papel do professor propor ao aluno investigações referentes a essa questão, fazer com que o aluno busque mais informações, com isso contribuindo para que o mesmo obtenha muito mais conhecimentos sobre sua própria língua, ampliando sua competência linguística.

Geraldi (1996, p.163) salienta que é de extrema importância que o educador busque em seu trabalho, em sala de aula, respeitar o vocabulário de seus alunos, isto é, ensinar a norma padrão sem que anule ou venha menosprezar a sua linguagem, a qual aprendeu em seu grupo familiar.

Cabe ao professor de língua portuguesa ter presente que as atividades de ensino deveriam oportunizar aos seus alunos o domínio de uma outra forma de falar o dialeto padrão, sem que isso signifique a depreciação da forma de falar predominante em sua família, em seu grupo social, etc. Isso porque é preciso romper o bloqueio de acesso ao poder e a linguagem é um de seus caminhos.

A desconstrução do preconceito linguístico é um dos objetivos para as variações serem trabalhadas em sala de aula. O livro didático como um dos recursos bastante utilizados nas escolas, ao trazer novas e inclusivas abordagens sobre essa temática estará cooperando para que o preconceito linguístico fique longe da sala de aula, que alunos vejam a fala do outro com respeito.

É necessário que a escola e professores venham contribuir de forma significativa, pois todo ser falante de sua língua sabe o seu funcionamento, a questão a ser explorada são as diferentes variantes existentes, isso trará ao aluno a possibilidade de fazer uso dessas, dependendo do contexto o qual vai estar inserido. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997.26):

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo da educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala – e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico. (BRASIL, 1997, p.26).

Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa, documento oficial que apresenta competências e habilidades a serem alcançadas nas etapas da Educação Básica, defendem ser essencial que a escola esteja atenta à realidade dos alunos, não deixando de lado algo tão importante quanto a variação linguística dos estudantes.

Valorizar o ensino das variações é uma maneira de trazer, para mais próximo do aluno, conceitos que fazem parte da sua realidade. Esse conhecimento sobre as várias formas alternativas de uso da língua fará com o mesmo compreenda que existem diferentes formas de dizer algo, que aprender a gramática normativa é ampliar o conhecimento sobre a língua e sobre seus usos tanto pela fala quanto pela escrita. O livro nesse processo torna-se instrumento importante de trabalho do professor, de aprendizagem do aluno.

## **4.2 O livro didático e a atuação docente**

Um dos instrumentos mais utilizados em sala de aula como apoio pedagógico é o livro didático. A maioria dos professores até hoje, apesar dos avanços tecnológicos, fazem bastante uso deste material para a elaboração de suas aulas. O livro é um recurso que serve como apoio tanto para o professor em sua prática pedagógica quanto para o aluno como forma de aquisição de novas aprendizagens.

Isso nos leva a refletir sobre o uso e a importância do livro didático na escola. Refletir sobre esta questão é pensar também em quais recursos são disponibilizados neste material para auxiliar o aluno e principalmente o professor, o qual é mediador do conhecimento, e é através dele que esses conhecimentos são transmitidos para os discentes.

O livro didático, pode-se dizer, é um intermediário entre professor e aluno, e nessa troca de conhecimento a responsabilidade sobre a condução do ensino é de

responsabilidade do professor, por isso é necessário que o educador busque selecionar e adequar os conteúdos obrigatórios, planejando a aula voltada para a realidade de seus alunos. É importante que os educadores tenham consciência de que esse instrumento é apenas para ajudá-lo, auxiliando e reforçando o seu conhecimento. Como descreve Libâneo (2002):

O livro didático é um recurso importante na escola por ser útil tanto ao professor como ao aluno. Pois, através dele o docente pode reforçar seus conhecimentos sobre um assunto específico ou receber sugestões de como apresentá-lo em sala de aula. Já para o aluno, é uma forma de ter de maneira mais organizada e sistematizada um assunto que possibilite que ele revise em sua casa e faça exercícios que reforcem este conhecimento. (Apud PENALVA, 2011, p.15)

O livro didático é um material para auxiliar o professor em sala de aula, serve como apoio teórico, é como uma espécie de roteiro com explicações de atividades prontas para serem aplicadas. Mas não basta pedir para o aluno resolver e ficar por isso mesmo sem buscar a fundo propósitos e objetivos maiores diante das atividades propostas.

O educador tem que se conscientizar que a prática pedagógica por ele adotada deve incluir uma reflexão sobre o que está proposto no livro, ao mesmo tempo em que não deve de forma alguma se restringir a este recurso. Porém, para muitos, o livro didático é posto como recurso inquestionável, que ao invés de ser adotado apenas como apoio é abraçado como um guia definitivo. E muitos educadores tornam-se dependentes deste recurso, tanto para abordar conteúdos como também para aplicar aula seguindo os métodos apresentados.

Refletir sobre o livro envolve também pensar em como esse material é selecionado antes de chegar à sala de aula. É necessário fazer a escolha do livro de maneira detalhada, analisando cada detalhe, buscando discernir qual livro está mais próximo da realidade dos alunos, com a finalidade de propor um ensino que traga desenvolvimento durante todo o processo de escolarização, e por fim, não se pautar apenas em conteúdos estabelecidos pelo livro, mas também na maneira como são apresentados.

O ensino de regras gramaticais e nomenclaturas, por exemplo, são fatores determinantes no processo de ensino-aprendizagem, entretanto não devem ser vistos como os elementos essenciais desconsiderando aspectos voltados para as diferentes formas de língua em uso. É necessário que os professores tenham

consciência de que o ensino vai além, cabe ao educador desenvolver práticas pedagógicas mais produtivas que não esteja limitado a esses fatores.

Porém, muitas vezes a negligência a respeito do ensino das variações se concretiza principalmente por parte do livro didático ao abordar sobre essa temática de forma vaga, dando mais credibilidade à norma padrão. Como afirma Antunes (2007, p.73):

Em geral, os livros de didáticos não se arriscam muito: quando se trata de gramática, só propõem exercícios fora dessas relativizações contextuais; quase nunca exploram uma questão gramatical que admita variação. Vale lembrar que a consideração desse lado regrado da língua só se torna relevante se a gente procura ver, examinar, descrever os usos reais, que constituem amostras da linguagem efetivamente praticadas pelos falantes e, não apenas, as regras idealmente previstas – como possibilidades à disposição dos usuários.

O uso do livro como recurso didático tornou-se há muito tempo tradição nas escolas. Vale salientar que o educador tem como um de seus deveres buscar novas fontes, ser criativo em suas aulas, manter-se como o protagonista ao invés de atribuir esse papel de destaque ao livro didático, ter consciência de que esse recurso serve apenas para contribuir com o ensino e não para substituir o professor.

Não se pode desconsiderar a realidade de muitos professores que ensinam em várias escolas e lecionam em muitas turmas, o que não coopera para que o mesmo exerça um trabalho mais elaborado. As condições de trabalho são dificultadas também pela carência de material disponível nas escolas. O educador precisa sim de boas condições para exercer sua função, e vários aspectos são determinantes e interferem no desenvolvimento de um trabalho cada vez melhor, por isso, é importante também ter um ambiente que de certa forma venha estimular ainda mais o educador em sua prática escolar, como vem destacar Antunes (2007, p.157):

Esse professor precisa encontrar também boas condições de trabalho: espaço confortável, estimulante e materiais adequados e atualizados. Em geral, a maioria das escolas públicas, por exemplo, são espaços sem nenhuma poesia, sem nenhum encantamento (nem uma plantinha, às vezes!), cheios de buracos, de paredes sujas, de moveis velhos, de quadros negros quase imprestáveis, (tão diferente do que aparece *em outros espaços onde funciona “serviços públicos”* à população).

Em suma, o ideal é que o professor, enquanto profissional responsável pelo processo de ensino-aprendizagem, não veja o livro didático como um guia

inquestionável, mas que seja um questionador da própria realidade escolar em que está inserido. Tais reflexões envolvem conhecer as características de seus alunos, para facilitar o desenvolvimento e aplicação de atividades. Pois, de nada vale ter um bom livro, bem elaborado e bem articulado se o educador não souber adequar os conteúdos à realidade dos estudantes. É essencial conhecer as características de cada um, pois, através dessa boa interação entre professor e aluno haverá conseqüentemente uma maior facilidade por parte do professor para exercer seu trabalho e um desempenho dos alunos nas atividades propostas.

O livro, nesta pesquisa, é objeto de investigação. Até aqui fizemos uma reflexão sobre estudos teóricos envolvendo o livro didático e a variação linguística. No capítulo seguinte, descrevemos os procedimentos metodológicos que envolvem a seleção e a análise do livro didático.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

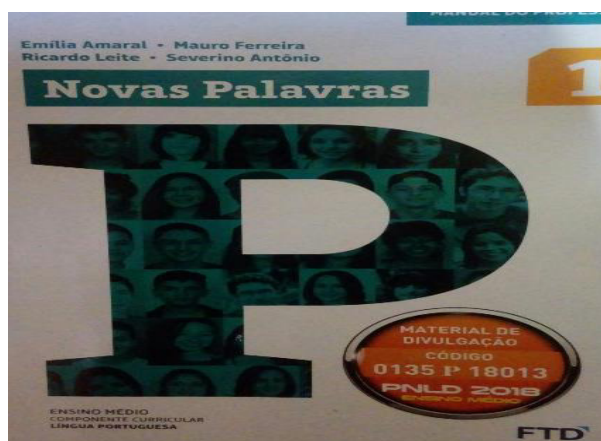
A ideia e efetivação de escolha do livro didático como ferramenta de análise para esse trabalho deu-se a partir de embasamentos teóricos, com base em estudos de autores que desenvolveram diversos trabalhos de pesquisas nessa área como apresentado. O livro didático é um dos recursos pedagógicos mais utilizados em sala de aula pelos professores para a elaboração de aulas, em função disso, compreende-se, que, de certa forma, acaba influenciando o professor em sua prática pedagógica e assumindo um papel de extrema importância no processo de ensino-aprendizagem de cada indivíduo.

A escolha do livro sobreveio também por ter sido adotado pelas escolas públicas do ensino Médio de São Bernardo-Maranhão. Conheci a coleção **Novas Palavras** a partir das atividades de estágio curricular, realizadas ao longo do curso de Linguagens e Códigos-Língua Portuguesa.

Um outro critério que levou a escolha do livro didático para o trabalho de pesquisa foi por ter conhecimento de que este faz parte de uma coleção indicada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2016, um programa responsável por selecionar os livros que serão utilizados na escola pública e vem propondo reflexões relevante sobre o ensino de língua de acordo com os PCN.

Considerando ainda que variações linguísticas é um conteúdo que faz parte do plano de ensino do 1º ano do Ensino Médio, delimitamos como objeto de análise o primeiro volume do livro de didático da coleção **NOVAS PALAVRAS** 2016, o livro do professor, dos autores Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio.

**Imagem 1:** Ilustração do Livro Didático



O LD do 1º ano está dividido em três grandes áreas do conhecimento: a) **literatura**, que traz abordagens sobre gêneros literários e sobre as escolas literárias; b) **gramática**, que aborda diferentes gramáticas, língua culta formal e informal, variedade linguística, adequação e inadequação, história da língua portuguesa; e c) **leitura e produção texto** que apresenta os estudos sobre gêneros textuais como notícia, crônica, poemas; ponto de vista.

Sobre esta coleção os autores propõem que “o encaminhamento didático dos conteúdos e sua eficiente utilização baseia-se no pressuposto de que o livro é *um* dos diferentes instrumentos de ensino-aprendizagem a que o professor e os alunos podem recorrer para um estudo proveitoso de língua portuguesa no Ensino Médio”, (AMARAL; MAURO FERREIRA; LEITE, RICARDO; SEVERINO ANTÔNIO, 2016, pg.355).

Porém, o que vai interessar neste trabalho, como foco de análise, é a segunda área de conhecimento acima citada e nomeada como **gramática**, de forma mais restrita, será analisado o tratamento das variações linguísticas no livro didático, para tanto foram selecionados apenas dois capítulos para análise.

A pesquisa vai basear-se nos seguintes passos:

- Verificar se o livro didático trata das variações linguística;
- Observar se o livro traz abordagens sobre o fenômeno das mudanças linguística;
- Observar se o LD traz abordagens sobre a fala, dando ênfase a norma padrão e a não padrão;
- Verificar se LD trata das variedades urbanas e rurais.

Organizamos tais objetivos como categoria, cada uma marcada pela relação entre imagem e a análise.



## 6 UMA LEITURA ANALÍTICA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO *NOVAS PALAVRAS*

Este trabalho tem como objetivo buscar verificar se as variações linguísticas quanto conteúdo de ensino de língua materna é tratado no livro didático de forma que condiz com a realidade dos alunos, cooperando assim com uma formação com mais qualidade. Nesta pesquisa, o livro em destaque é o do professor, por se tratar de um recurso bastante utilizado por muitos docentes na sua prática pedagógica.

Vale ressaltar que a análise será apresentada a partir de imagens e recortes de trechos do livro didático estabelecido para a pesquisa. Não será abordado, portanto, todas as questões referentes as variações presentes em todo livro didático, apenas os capítulos que tratam especificamente da variação da língua, denominados **Gramática, gramáticas e Noções de variações linguísticas**.

Pelo que se observou a coleção traz abordagens significativas sobre os estudos linguísticos, sobre os diferentes modos de falar e escrever. É interessante frisar que os autores apresentam reflexões sobre essa temática a partir de textos variados, como: charges, tirinhas, piadas, anúncio publicitário, letras de música, textos jornalísticos, poemas. Mostrando assim, que os autores deram prioridade ao tema, pois, fazem uso de diferentes textos, com o objetivo de fazer com que o aluno conquiste novas habilidades de uso da língua.

Sobre uma das propostas do livro selecionado, os autores abordam o seguinte:

Um curso de Língua Portuguesa para esse alunado deve, portanto, adotar estratégias que busquem atender a essas diferentes demandas. Assim, é fundamental que as aulas de linguagem não sejam apenas aula de Gramática – “gramática” tomada aqui, no sentido de análises e reflexões linguísticas. É indispensável que o curso articule **gramática, leitura e escrita**, de maneira que os estudantes não só tenham oportunidade de refletir a respeito da língua e analisar sua estrutura e funcionamento, como também possam aperfeiçoar sua capacidade de leitura e de escrita funcionais e, assim, ampliar sua competência linguística”. (p. 361).

Diante dessa abordagem percebe-se que os autores sugerem que é importante trabalhar com diferentes gêneros textuais, pois, essa diversidade de

gênero é uma forma de desenvolver e ampliar a competência linguística dos alunos. De certo que as diversidades do português brasileiro devem ser levadas em consideração e trabalhadas em sala de aula, pois estudar as diferentes variantes ajudará também na ampliação da competência linguística do aluno.

Tratar de variação significa explorar elementos linguísticos e extralinguísticos. Os autores do livro em análise exploram esses elementos à medida que apresentam uma diversidade de gêneros textuais assim como elaboram um quadro indicando diferentes tipos de variação que estão presentes nas situações de comunicação. As imagens a seguir, recortadas do livro, ilustram o modo como os autores reconhecem e sistematizam o estudo sobre a heterogeneidade da língua.

**Imagem 2:** *Tipos de variações linguísticas*

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS	
De maneira simplificada, podemos considerar a existência de quatro tipos gerais de variação, conforme mostra o quadro.	
Tipo	Aspecto a que se relaciona
<b>Variação sociocultural</b>	Grau de escolaridade, gênero, idade, profissão, condições econômicas do falante e grupo social do qual ele faz parte.
<b>Variação situacional</b>	Situação particular, específica, em que o falante utiliza a linguagem.
<b>Variação histórica</b>	Tempo (época) em que o falante vive.
<b>Variação geográfica</b>	Região em que o falante vive.
Vamos, então, conhecer as características gerais dessas variações.	

**Imagem 3:** *Exemplo de variação sociocultural e situacional*

*Oi, Su... E aí? Beleza?*

*Então, menina... O Fred me mandou a gravação da balada do seu niver. Que arraso! Morri de inveja! Você, então, heim??? Des-lum-bran-te! Aquele vestidinho seu detonou, menina! Tava chiquérrimo! E o gato que não saía da tua cola? Quem era? Rolou ou você só jogou charme?*

*Poxa... Vê se dá sinal de vida, né?*

*Beijinhos...*

*Lica*

Variação sociocultural e situacional — uma jovem/adolescente se comunicando informalmente com uma amiga sobre um assunto cotidiano (E aí?, Beleza?, niver, arraso, detonou etc.).

Os autores retratam aspectos e exemplos relacionados a cada um dos tipos listados. Desse modo reconhecem como legítimo o ensino da língua pautado na diversidade de falares presentes nas salas de aula. As imagens que seguem, ilustram os textos que funcionam com ponto de partida para o estudo da variação. Na **imagem (3)**, vemos o bilhete cuja seleção de palavras indica que se trata de interlocutores jovens, que usam gírias e vão para a balada. Esse tipo de uso da língua não é tratado como errado, mas como um modo de falar ligado à idade. Na imagem (4), há outro tipo de variação, desta vez, mostrando a fala de quem está na zona rural e se preocupa com a natureza.

**Imagem 4:** Exemplo de Variação geográfica



Sabemos, pois, que a variação linguística está presente na escola, nesse sentido, é essencial que esta temática seja trabalhada em sala de aula. Bagno (2005, p.18) ressalta que é fundamental:

Respeitar a variedade linguística de toda e qualquer pessoa, pois isso equivale a integridade física e espiritual dessa pessoa como ser humano, porque a língua permeia tudo, ela nos constitui enquanto seres humanos. Nós somos a língua que falamos.

Um ponto importante abordado no livro didático e que vale ser destacado são os fenômenos das mudanças linguísticas. É essencial falar sobre essa questão. E os autores trazem abordagens sobre os fenômenos das mudanças linguísticas de maneira significativa, pois apresentam textos de diferentes épocas para os alunos, a partir do tópico variações históricas.


O **primeiro** texto é a carta de Pero Vaz de Caminha, **imagem 5**, a qual traz uma linguagem do século XVI. Os autores mostram a diferença entre passado e presente, sobre como se escrevia na época em relação aos dias atuais, fazem esse jogo ao apresentarem a carta em uma versão atualizada. Assim mostraram para o aluno como a língua muda com o tempo.

As imagens a seguir registram os primeiros textos usados pelos autores como exemplo de variação histórica, podemos identificar que a intenção é mostrar como era a linguagem há muitos anos atrás (**imagem 5**) comparada a linguagem atual (**imagem 6**), o texto mostra que algumas palavras foram sendo modificadas, que caíram em desuso, e escritas de maneira diferente.

#### Imagem 5: Variação histórica

**Snõr**

*posto que o capitam moor desta vossa frota e asy os outros capitaães screpuam a vossa alteza a noua do acha mento desta vossa terra noua que se ora neesta naue gaçom achou, nom leixarey tambem de dar disso minha comta a vossa alteza asy como eu milhor poder ajmda que pera o bem contar e falar o saiba pior que todos fazer [...].*



CAMINHA, Pero Vaz. *Carta a El Rei D. Manuel* (ortografia original). 2010. Disponível em: <[https://pt.wikisource.org/wiki/Carta\\_a\\_El\\_Rei\\_D.\\_Manuel\\_\(ortografia\\_original\)](https://pt.wikisource.org/wiki/Carta_a_El_Rei_D._Manuel_(ortografia_original))>. Acesso em: 19 jan. 2016.

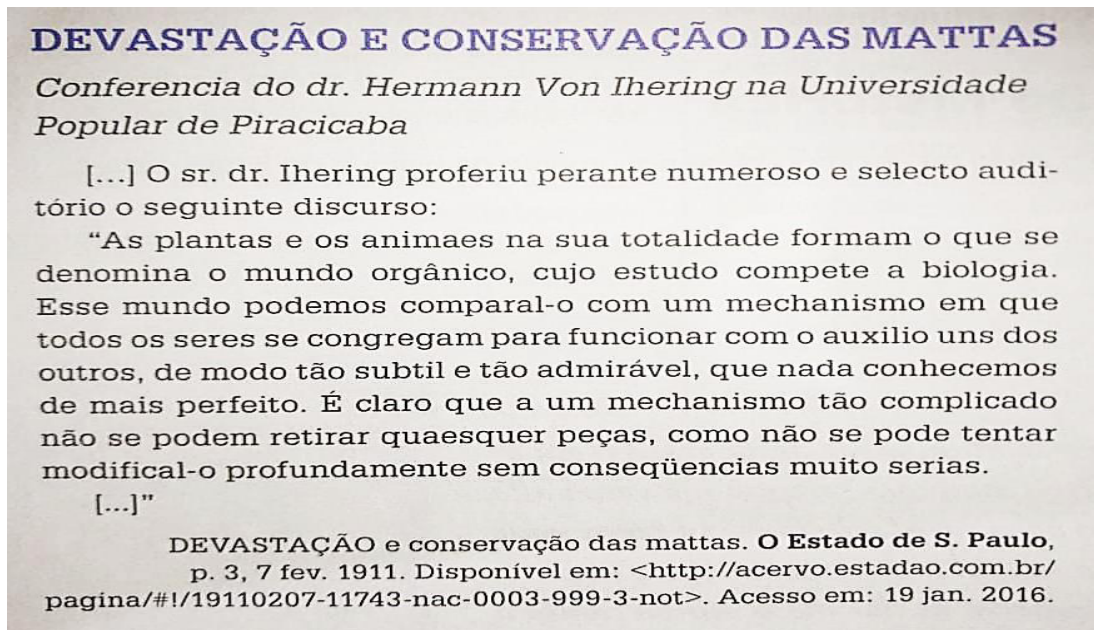
#### Imagem 6: Versão atualizada de um trecho do texto da imagem 5

Senhor

Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que — para o bem contar e falar — o saiba pior que todos fazer.

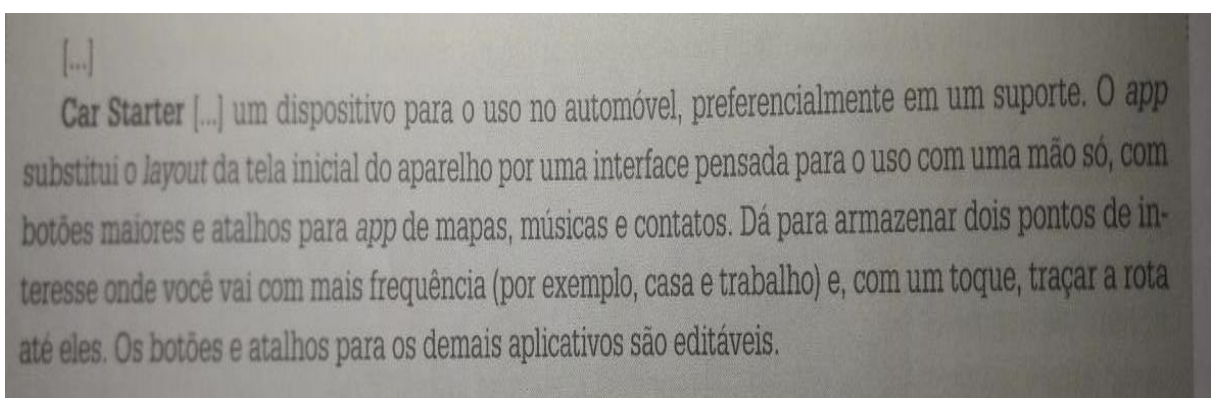
O **segundo texto** (imagem 7) utilizado pelos autores refere-se também a uma carta, mas esta foi escrita em 1911. Ao comparar os textos, o aluno perceberá que a forma como se escrevia antes é diferente da forma como se escreve hoje. Percebe a diferença na seleção de palavras, no modo de abordar a natureza.

**Imagem 7:** *Texto publicado a mais de cem anos, que tratando de um assunto atual*



O **terceiro texto, imagem 8**, traz a atualidade por meio da seleção de palavras e temas. O avanço tecnológico promoveu alterações, acréscimos às palavras utilizadas pelos falantes de língua portuguesa. Com isso os autores mostram para os alunos o modo como certos temas são abordados nos dias atuais, as palavras antigas e novas em um mesmo texto, as mudanças nos tipos de veículos utilizados para a comunicação entre os interlocutores: da carta de Caminha aos sites.

**Imagem 8:** *Texto dos dias atuais*



Depois de apresentar textos de diferentes épocas para tratar da variação histórica, os autores chamam atenção do leitor para o estudo da língua considerando o caráter dinâmico e vivo das formas de falar e de compreender o sentido das palavras, das frases, dos textos ao longo do tempo. Em um trecho retirado do livro *Novas Palavras*, os autores dizem

Esses três textos exemplificam claramente que a língua não é estática, imutável. Ao contrário, ela se modifica com o passar do tempo e com o uso. As formas de falar se alteram; mudam-se as palavras, a grafia, as formas de estruturar as frases e, muitas vezes, o significado das palavras. Essas alterações que vão ocorrendo na língua ao longo tempo recebem o nome de variações históricas. (p.162).

O objetivo dessas palavras é buscar despertar nos alunos a consciência de que a língua não é imutável, inalterável, mas, mostrar para o aluno que ela se modifica com o passar do tempo a partir de alterações que podem ocorrer na comunidade linguística a qual convive. A maneira como os autores abordam essa questão, deixa claro para o aluno que, há muito tempo atrás se escrevia de uma forma diferente da atualidade, assim o aluno passa compreender o fenômeno das variações.

Outro aspecto que vale ressaltar aqui é que é importante o aluno aprender sobre as variações históricas como também o professor trabalhar esse item na sala de aula. Nos estudos sobre as escolas literárias, por exemplo, os alunos encontraram textos de diferentes épocas, que ajudam a entender como tempo, língua e sociedade estão interligados. É essencial conhecer as variações, para diferenciar os textos da atualidade das linguagens de diferentes épocas. Segundo Bagno (2005, p.167) é importante:

Conscientizar-se de que toda *língua muda e varia*. O que hoje é visto como “certo” já foi “erro” no passado. O que hoje é considerado “erro” pode vir a ser perfeitamente aceito como “certo” no futuro da língua[...]. 6. Dar-se conta de que a língua portuguesa não vai nem bem, nem mal. Ela simplesmente VAI, isto é, segue seu rumo, prossegue em sua evolução, em sua transformação, que não pode ser detida (a não ser com a eliminação física de todos os seus falantes).

Um outro ponto retratado no livro é referente a fala, os autores mostram que o ato de falar pode ser redirecionado, dependendo da situação de comunicação apresentada sendo ela formal ou informal. Podemos identificar esses fatores a partir da visualização da tirinha a seguir:

**Imagem 9:** Exemplo de variedade não padrão



Nessa parte do livro, “**imagem 9**”, os autores exploram a relação entre a linguagem verbal e a visual, trazem um exemplo de variedade não padrão denominada também de variedade coloquial, um tipo de variedade que costumamos usar quando nos comunicamos de maneira espontânea com amigos, colegas, no grupo familiar, etc. É uma variedade que está ligada à fala cotidiana e pouco preocupada em seguir as regras da gramática normativa.

A intenção dos autores, com essa tirinha, é demonstrar os diferentes usos da língua, sendo ela formal ou informal, dando ênfase a situações de comunicação informal. O personagem da tirinha ao pedir ajuda ao sobrinho para resolver dúvidas sobre a reforma ortográfica da língua portuguesa que entrou em vigor em 2012. O tio acreditava que o sobrinho iria ajudá-lo por ser jovem, estudante e alguém que aprendeu rapidamente as novas regras a ponto de esclarecer as dúvidas do tio que se considera “cheio de vícios” em relação à escrita.

A conversa virtual entre tio e sobrinho mostrou que o fato de ser mais jovem não garante a obediência ao novo acordo ortográfico, além disso, há o fato de que o diálogo entre os dois aconteceu a partir da internet que tem uma linguagem com características próprias. Pela tirinha, os autores exploram as variações

linguísticas de diferentes gerações e em diferentes veículos de comunicação, destacam que

A linguagem não é usada apenas para transmitir informações. Uma das outras funções da linguagem é a de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa ou acha que ocupa na sociedade em que vive. As pessoas falam para serem “ouvidas”, para serem respeitadas e para exercer influência no ambiente em que realizam seus discursos (atos linguísticos). (p. 138)

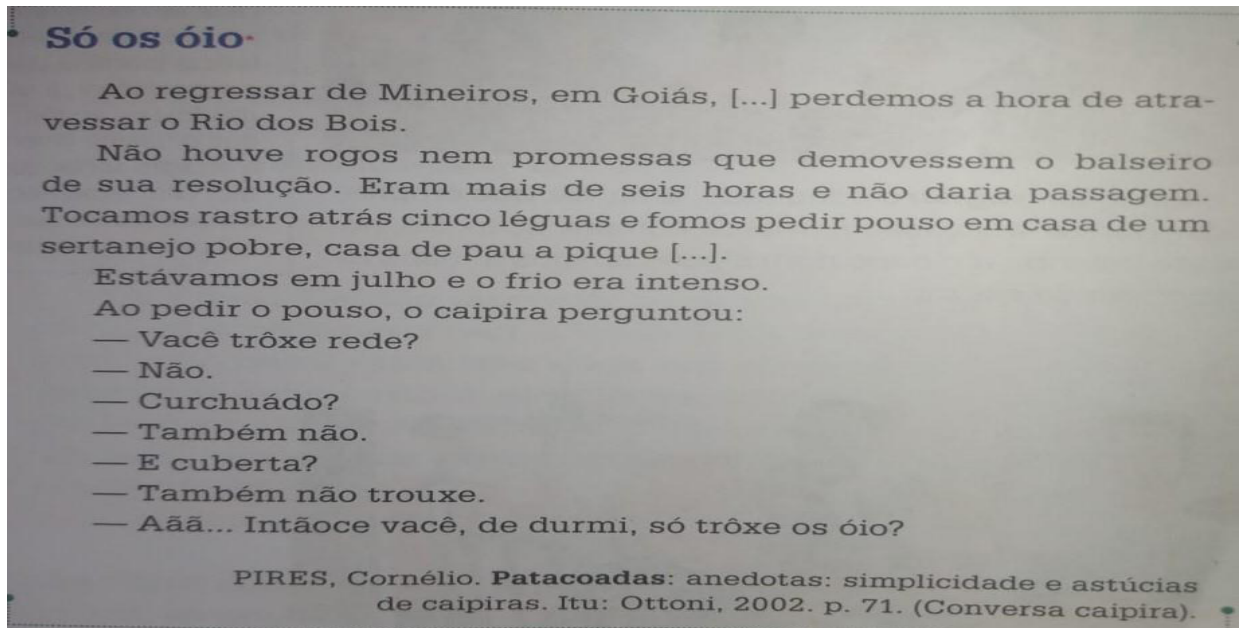
Esse trecho indica a concepção de língua que o livro carrega. Os autores defendem que, ao explorar os graus de formalismo, o professor permitirá ao aluno a aplicabilidade linguística. Conhecer as diferentes formas de usos da língua fará com que o aluno compreenda que é preciso saber adequá-las ao ambiente ao qual está inserido, ou seja, aprenda como falar, quando pode falar e quando não pode, que variedade linguística é adequada a situação de comunicação. Essas escolhas fazem parte da aprendizagem das “regras da linguagem”. Trabalhar essa questão em sala de aula é pensar em um ensino de língua não preconceituoso, mostrando a diferença entre língua padrão e não padrão. É possibilitar aos alunos entender o lugar da gramática normativa e seu papel nas relações sociais, nos atos de comunicação escrita e falada.

A discussão levantada no livro é fundamental, mas não é demorada. Seria importante apresentar mais exemplos de situações de comunicação envolvendo a variação linguística para que o aluno reflita e tenha mais conhecimento sobre a diferença entre as diferentes maneiras de dizer algo, os usos formais e informais, a fim de que possa saber utilizá-las de modo adequado quando necessário.

Outro ponto retratado no livro didático refere-se à variação urbana e variação rural. A imagem que segue, **imagem 10**, é referente a um trecho do livro, sinaliza para o trabalho com a língua levando em conta as posições geográficas dos falantes. Vejamos:



**Imagem 10:** *Tipos de variedades urbana e rural*



Podemos identificar, na piada acima, na **imagem 10**, dois tipos de variedades linguísticas: uma a partir da fala do narrador, que representa a variedade urbana, dita de prestígio, o que nos remete à ideia de que alguém que frequentou a escola teve acesso aos meios de comunicação com a modalidade escrita da língua por exemplo. Outra variedade, a partir da fala da personagem que apresenta um linguajar diferente, um sotaque caipira de um sertanejo da zona rural, talvez não tenha frequentado escola, ou teve acesso uma escolarização irregular.

Os autores deixam claro que essas diferenças estão ligadas ao meio cultural em que o falante vive. O narrador teve acesso ao nível de cultura elevado, além de outros fatores vinculados aos aspectos socioculturais que contribuem para que ocorra essa diferença no modo de falar, quanto ao personagem identificado como sertanejo, não teve acesso a uma cultura letrada e participa de uma realidade sociocultural rural.

Nessa parte do livro, **imagem 10**, podemos destacar um ponto positivo, ao evidenciar que os autores buscam fazer com que o aluno venha refletir sobre as diversidades culturais transmitindo o conteúdo de forma acessível a aluno do Ensino Médio, abordando a realidade das duas variedades, mostrando que devido aos aspectos socioculturais, como escolaridade, idade, profissão, grupo social etc.

ocorrem as diferentes formas de falar, e através dessa reflexão romper com o preconceito linguístico, e esclarecem que:

Quem pratica o português popular não “fala errado” – apenas opera com a variedade correspondente ao seu nível sociocultural. Quem pratica o português culto não “fala certo”, de novo, apenas se serve da variedade correspondente ao seu nível sociocultural. (p.160)

Através do texto que retrata as duas variedades, o professor pode também abordar sobre a **gramática internalizada**, esclarecendo para o aluno e fazendo com o mesmo reflita e compreenda que a forma como o personagem da zona rural fala não é errada, que esse tipo de linguagem é válida e aprendida no convívio com outras pessoas a partir do ouvir.

Há também um aspecto que chama atenção em relação ao gênero escolhido para apresentar a diferença da variação regional. Ao retratar a variedade rural percebe-se que a forma utilizada para abordagem é o gênero piada, observou-se que quando se trata das variedades da zona rural geralmente os textos vêm com a finalidade de fazer rir da fala do caipira. Não se pode negar que os autores alertam sobre o preconceito linguístico, mas para professores e alunos, é essencial que haja uma reflexão a respeito da forma como a variação chega à sala de aula, especialmente de escolas que ficam no interior dos estados brasileiros, isso significa questionar o próprio tratamento da variação da língua no livro utilizado. Levar para a sala de aula textos que retratem a variedade rural a partir de outros gêneros textuais, é importante para que o aluno veja essas variedades de outra maneira que não seja apenas através de piada.

É relevante dizer que o livro busca estabelecer um diálogo próximo com o professor sobre a temática da variação linguística a partir de um material de apoio denominado Guia do Professor. Nesse material, há orientações específicas para cada capítulo do livro com sugestões de atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula, indicação de referencial de apoio teórico aos docentes.

A respeito das variações linguísticas as complementações teóricas surgem como um meio de conscientizar o professor da importância de se ensinar variação, permitindo ao docente refletir sobre as muitas variedades da língua e os diferentes usos da linguagem. A cada orientação a acerca dos conceitos linguísticos os autores deixam claro a importância dessas variedades. O professor como

mediador do conhecimento deve colocar em prática aquilo que é fundamental e necessário ensinar, optar pela abordagem que lhe ofereça condições de realizar um trabalho, dinâmico, produtivo e satisfatório.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise deste estudo permitiu descrever um livro que está fundamentado em um Programa, (PNLD), e em uma metodologia que busca incorporar as variações linguísticas mesmo que de forma ainda moderada.

No que diz respeito ao tratamento das variações linguística o livro traz questões fundamentais. A partir dos dados obtidos por meio dos objetivos específicos os quais foram selecionados e utilizados como base para a pesquisa, ficou claro que o objetivo dos autores é conscientizar professores e alunos a não discriminar as pessoas pela linguagem, destacando o respeito à diversidade cultural, mostrando assim uma preocupação em abordar as variações linguística. Isso mostra que os autores deram crédito a essa temática, tendo-a como conteúdo primordial a ser trabalhado na escola.

As novas produções mostram que os livros didáticos trazem abordagens significativas sobre a problemática, mostrando que houve um avanço em relação ao tratamento das variações no livro. Porém, mesmo o livro abordando essa temática como conteúdo, é necessário que algumas questões sejam contempladas a partir de discussões mais amplas, envolvendo tipos de variações geográficas, sociocultural, históricas, situacional e principalmente dos conceitos teóricos da linguística e sociolinguística. É fundamental que o professor veja além do livro didático e que os autores dos livros estreitem a interação com alunos e professores considerando as muitas realidades.

Enfatizamos que mesmo o livro didático propondo boas abordagens, trazendo questões relevantes, o professor exerce um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Se o livro didático aborda de modo rápido as variações linguísticas, cabe ao professor aprofundar ainda mais sobre essas questões, trazer para sala de aula esses aspectos, por isso a importância de um educador investigador, que compreendendo a importância de aprender sobre esses fatores, não se limita ao livro didático, e atua como profissional sensível e consciente da necessidade de seus alunos, como alguém que busca fazer a diferença.

Depois dessa trajetória de pesquisa, ficou claro que o necessário é que todos os envolvidos na prática de ensino de língua portuguesa, tanto professor quanto a escola de um modo geral e, em especial, os responsáveis pelo livro didático

explorem a importância de abordar sobre as variações linguística no contexto escolar, com o intuito de estabelecer uma formação que leve em conta a realidade plural das escolas e dos alunos.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Emília...et al. **Novas Palavras: Ensino Médio: 1º ano.** – 3. Ed. – São Paulo: FTD, 2016.
- ANTUNES, Irandé, **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** São Paulo: parábola Editorial, 2007.
- ASSIS; A. S; LUQUETTI, E. C. F. **O ensino da variação linguística e o livro didático: o processo de ensino-aprendizagem da língua materna na educação básica/2014.** Disponível em:<<http://www.ileel.ufu.br/uploads/2014/11> acessado em: 16/10/2018
- BAGNO, Marcos, **O preconceito linguístico o que é, como se faz** – ed. LOYOLA, São Paulo: Brasil, 1999.
- BATISTA, Amanda Penalva Batista. **Uma análise da relação professor e o livro didático** – 2011; disponível em: <<http://www.uneb.br/dedc/files/2011/05> – acesso em: 05/11/2018
- BIAPINA, Darkyan, **Variação linguística em sala de aula de língua** – EDUFU 2012. Ileel, Disponível em: <[http://www.ileel.ufu.br/volume\\_2\\_artigo\\_089](http://www.ileel.ufu.br/volume_2_artigo_089) – Acesso em: 11/11/2018
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula/2004** - São Paulo: parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegamos na escola, e agora?** Sociolinguística & Educação - São Paulo Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL, **Ministério da Educação e Cultura (MEC). Guia do livro didático PNLD 2004:** apresentação Brasília Mec, 2004. Disponível em: <<http://www.fnede.gov.br/programas/pnld>>. Acesso em: 12/11/2018
- GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino** - Campinas/SP: Mercado de Letras, 1996.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**/ 14. Ed. – são Paulo: Cortez. 2009.